

---

## Comunicação, educação, pandemia e trabalho docente<sup>1</sup>

Rita Virginia ARGOLLO<sup>2</sup>

Betânia Maria Vilas Boas BARRETO<sup>3</sup>

Verbena Córdula de ALMEIDA<sup>4</sup>

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus, BA

### RESUMO

Refletir sobre estratégias educativas praxiológicas que interpelam as demandas atuais em decorrência do novo coronavírus é a tônica deste artigo. A partir das experiências do projeto de extensão Prisma – Educação para a diversidade, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), em Ilhéus, Bahia, discutimos a relação comunicação e educação, os impactos da pandemia na extensão universitária e na interlocução de conhecimentos e saberes de sujeitos sociais. Com base em pressupostos de autores como Freire (1987, 1996 e 2005), Citelli (2018) e Santos (2020), buscamos compreender o panorama social contemporâneo e seus reflexos no processo de ensino-aprendizagem, especificamente como se relaciona a propostas extensionistas voltadas para a construção da cidadania e da transformação social dos sujeitos aprendentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** pandemia; comunicação; educação; extensão universitária; ação dialógica.

### A instabilidade exposta pelo vírus e os processos educacionais

A pandemia do novo coronavírus causou perplexidade e abalou nossas concepções de mundo, existência, realidade, valores, comportamentos, ideias, conhecimento etc. Tudo tem sido, sistematicamente, posto em xeque pelo modo avassalador dos desafios impostos. Como espécie, estamos sendo impulsionados a repensar nossa condição como seres humanos em um planeta em transformação. Como sujeitos sociais, fomos catapultados para um espaço em queda livre, sem rede de proteção, com a incumbência premente de nos reinventar como sociedade.

Frankl (1992) já nos advertia que momentos de impasses existenciais são a oportunidade que se instala para buscarmos compreender o sentido de nossa existência, o porquê de estarmos vivos. Pelo desafio de existir, encontramos o sentido de nossa vivência. Assim também pensa Freire (2005, p. 35) quando afirma ser esta a condição

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Educação, professora titular do Curso de Comunicação Social (RTVI) da UESC, e-mail: [rvasargollo@uesc.br](mailto:rvasargollo@uesc.br).

<sup>3</sup> Doutora em Educação, professora titular do Curso de Comunicação Social (RTVI) da UESC, e-mail: [bmvbbarreto@uesc.br](mailto:bmvbbarreto@uesc.br).

<sup>4</sup> Doutora em História e Comunicação no Mundo Contemporâneo, professora titular do Curso de Comunicação Social (RTVI) da UESC, e-mail: [vc Almeida@uesc.br](mailto:vc Almeida@uesc.br).

---

ontológica do ser humano em sua busca por “ser mais”. Para ele, os sujeitos são seres de busca e sua “vocação ontológica é humanizar-se”.

Assim, novas formas sociais de sentir, pensar e agir se impõem em cada área de atuação que nos propusermos a seguir. Um dos segmentos com maior interferência é o campo da Comunicação, que ganhou destaque significativo, principalmente por conta do cerceamento dos modos de interlocução presencial entre os indivíduos e do distanciamento social, nos obrigando a gestar maneiras alternativas de intercambiar percepções e impressões sobre esse estado de coisas. Soma-se a profusão exacerbada de informações que campeiam indiscriminadamente em todos os espaços midiáticos.

Não é novidade que o campo comunicativo é agenciador de representações sobre o mundo e a realidade. Contudo, torna-se iminente nos debruçarmos sobre dinâmicas comunicacionais na atualidade, principalmente atreladas às instâncias educativas. É imprescindível ampliar os horizontes em construções de conhecimentos que apoiem o crescimento multifacetado dos sujeitos educandos. Na interface Comunicação e Educação, constitui condição fundante rumo a possibilidades pedagógicas mais condizentes com demandas atuais. Baccega (2009) defende que pela perspectiva pedagógica da Comunicação podemos estudar os desafios do posicionamento crítico dos sujeitos quanto à representação da realidade construída pela mídia, percepção lógica de interlocução de informações, mudanças nas relações tempo/espaço, produção e influência no consumo e no mundo do trabalho. Esta interrelação exige dinâmicas individuais e coletivas complexas e permanentes, processadas não linearmente, em diferentes níveis de percepção e semelhança de informações e valores.

Citelli (2018) também chama a atenção para a necessidade de estreitarmos o contato da cidadania comunicativa com o mundo da educação – com destaque para aquela que ocorre no âmbito da sala de aula. O autor propõe a ressignificação da escola, afastando-a do ensino instrumental. A compreensão das passagens entre os discursos propedêuticos, escolarizados, e os não escolares, isto é, aqueles produzidos em outras instituições, a exemplo dos media, pode não apenas franquear a revisão dos componentes curriculares das unidades educativas formais, atualizando-os e dinamizando-os, como também permitir a leitura analítica e crítica da própria comunicação – tendente a ser confundida com as chamadas tecnologias educativas, com o exercício errático da pesquisa em enciclopédias digitais, com a frequência a blogs e sites dados como fontes de informação validadas in limine (CITELLI, 2018, p. 12).

---

Citelli (op. cit) lembra, ainda, a necessidade de revisão, tanto nas formas de conceber a educação como também nas práticas educativas, e salienta que estamos diante de um novo contexto, no qual três fenômenos se destacam: os movimentos tecnoculturais e de convergência comunicacional, a aceleração do tempo e as singularidades sensoriais. Ele adverte, no entanto, que essa revisão precisa ultrapassar a superficialidade e “romper com os modelos baseados no enciclopedismo, na acumulação e na aula pouco voltada ao exercício dialógico” (CITELLI, 2018, p. 11). Salienta ainda que essas mudanças provocadas pelas dinâmicas comunicacionais essencialmente atreladas às tecnologias digitais abriram possibilidades para os sujeitos atuarem nos territórios de produção de signos, elaborações simbólicas e representativas, bem como na promoção da circulação de mensagens (CITELLI, 2018).

Quando se trata da formação universitária, essa premissa se faz mais evidente, pois, para que os graduandos possam responder reflexivamente, proativamente e conscientemente a estas condições, é fundamental pensar metodologias baseadas em concepções humanizadoras, responsáveis e cidadãs, municiando-os para atuarem de maneira proativa, autônoma e solidária na sociedade (FREIRE, 2005). Nesse sentido, o projeto de extensão Prisma – Educação para a diversidade, da Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus, Bahia, se ancora na formação universitária de graduandos de Comunicação Social, baseada na inserção na realidade social, de maneira praxiológica e interdisciplinar, a partir de estratégias pedagógicas alicerçadas na relação Comunicação e Educação, com ênfase no audiovisual. O objetivo maior do projeto é suscitar a interlocução de saberes e conhecimentos, abrindo possibilidades para criação de competências críticas e cidadãs, partindo da imersão social do seu entorno, por meio de estratégias que ampliem a formação dos graduandos em outros espaços educativos e em contato com atores sociais diversos, contribuindo para a construção de cidadania e autonomia.

Desse modo, atuamos com estudantes e professores/professoras de escolas públicas da região. Como destaca Freire (1996, p. 50), a abertura dos sujeitos para o mundo e para os outros possibilita uma relação dialógica em que “a inquietação e a curiosidade se confirmam como não-continuação na conclusão da história”. Nesse sentido, García-Oberto (2020) defende que o mediador deve se constituir em um sujeito inovador e acompanhar as mudanças possíveis, a fim de utilizar instrumentos que sejam

---

capazes de promover a autonomia e o entendimento entre os envolvidos no processo educativo.

Assim, refletimos sobre experiências do Prisma nos meses iniciais da pandemia, do final de março ao início de outubro de 2020, relatando a implementação de estratégias e dinâmicas pedagógicas para a continuidade das atividades, de maneira virtual, e abertura para transformações significativas na metodologia de atuação, na tentativa de construção de novas educações (PRETTO e PINTO, 2006), detalhadas nos próximos tópicos.

### **Pandemia e mazelas sociais**

De acordo com o relatório “Covid no mundo urbano” (*COVID-19 in an Urban World*)<sup>5</sup>, publicado pela Organização das Nações Unidas (ONU), diversas cidades estão sofrendo as piores consequências da pandemia, muitas das quais com sistemas de saúde sobrecarregados, serviços de água e saneamento inadequados, assim como problemas de ordem econômica, ambiental, entre outros. Esse é particularmente o caso nas áreas mais pobres, onde foram expostas desigualdades profundas. Conforme o documento, a Covid-19 amplia áreas espaciais, sociais e as desigualdades econômicas nas cidades, tornando o vírus mais prejudicial em uma autoperpetuação espiral negativa.

Ainda segundo o documento da ONU, muitos serão os impactos dessa pandemia. Por exemplo, o *déficit* total nos orçamentos estaduais nos Estados Unidos é estimado em 10% no ano fiscal atual e em torno de 25% no ano fiscal de 2021, enquanto no continente africano os governos locais enfrentam perdas de até 60% de suas receitas. Apesar das diferenças cruciais com relação à sua situação e capacidade financeiras de cada país, os governos em todo o mundo sentem os reflexos da Covid-19 em seus orçamentos.

O meio ambiente também não ficou ileso. No mesmo relatório, os dados revelam que na Tailândia houve um grande crescimento na produção de lixo plástico, saindo de uma média de 2.120 toneladas por dia em 2019 para aproximadamente 3.440 toneladas por dia entre janeiro e abril de 2020. Considerando-se apenas o mês de abril, registrou-se quase 62% de aumento. Na província de Hubei, na China, registrou-se um aumento do lixo hospitalar de 40 para 240 toneladas diárias, o equivalente a 600%. Outras cidades asiáticas também registraram crescimento, incluindo 1.317 toneladas adicionais por dia produzidas no mês de abril em Bangkok, 212 toneladas adicionais em Jacarta, 154 toneladas em Kuala Lumpur e 160 toneladas adicionais em Hanói.

---

<sup>5</sup> Ver Guterres (2020b).

---

Os impactos devido às condições precárias de moradia também foram aprofundados. O relatório da ONU aponta que um bilhão de moradores de favelas no mundo enfrentam riscos mais agudos, especialmente na África subsaariana e no leste e sudeste da Ásia, que representam 23% e 36% da população urbana global que vive em favelas. Conforme é possível constatar no levantamento, em uma época em que o acesso universal à moradia adequada é crucial, quase 1,8 bilhão de pessoas vive em espaços superlotados ou inadequados, favelas e condições de favela, ou em estado de desabrigado, com riscos agudos de exposição ao coronavírus.

No Brasil, segundo a Agência Nacional das Águas — ANA (2017), apenas 43% da população é atendida por rede coletora e estação de tratamento de esgotos; 12% por fossa séptica. Já 18% têm esgoto coletado, mas não tratado; enquanto 27% não têm coleta nem tratamento de esgoto. Esse quadro se agrava com a pandemia, pois, de acordo com estudo<sup>6</sup> realizado pela Universidade de São Paulo (USP), o novo coronavírus aumenta as probabilidades de disseminação em locais com precariedade sanitária. O estudo cita como exemplo o distrito de Anhanguera, na zona norte da capital paulista, onde há mais pessoas morando às margens de córregos e esgoto a céu aberto.

Nesse cenário de precariedade sanitária, a população negra é a mais atingida. De acordo com pesquisa do Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, negros morrem mais do que brancos. São 54,8% em levantamento com cerca de 30 mil casos, realizado em maio, com base nos dados do Ministério da Saúde (ONU MULHERES BRASIL, 2020). Goes, Ramos e Ferreira (2020, p. 4) destacam: “Para a população negra, o cenário da pandemia se associa às condições desiguais determinadas pelo racismo estrutural e institucional [...]”. Ainda conforme essas autoras, a população negra, nesse contexto, está exposta a riscos adicionais.

### **Covid-19 e seus impactos na educação**

Do ponto de vista educacional a situação é também muito preocupante. A crise da Covid-19 e a perturbação educacional sem paralelo estão longe do fim, conforme o relatório da ONU intitulado “Educação durante e depois da Covid-19” (*Education during COVID-19 and beyond*), publicado em agosto de 2020. O estudo mostrou que, naquele momento, cerca de 100 países ainda não haviam anunciado uma data para a reabertura das escolas e que, em todo o mundo, governos, sindicatos, responsáveis por crianças e

---

<sup>6</sup> Ver Oliveira (2020).

adolescentes estavam lutando para saber quando e como enfrentar a fase seguinte. Ainda de acordo com o relatório, os países começaram a planejar a reabertura de escolas em todo o mundo, seja com base no nível de escolaridade ou priorizando em regiões com menos casos do vírus. No entanto, dada a contínua virulência do coronavírus, a maioria dos países pesquisados entre maio-junho de 2020 ainda não havia decidido sobre data de reabertura.

O secretário Geral da ONU, António Guterres (2020), ressalta que, mesmo antes da pandemia, sofríamos uma crise educacional, com mais de 250 milhões de crianças em idade escolar sem frequentar a escola. Nos países em desenvolvimento, apenas um quarto dos alunos do Ensino Médio concluiu o período com as habilidades básicas. Com a Covid-19, segundo Guterres, pelo menos 40 milhões de crianças em todo o mundo perderam tempo de ensino no primeiro ano da educação infantil. E as famílias, especialmente as mães, foram forçadas a suportar a pesada carga de cuidados em casa. Ainda para Guterres (2020), em que pesem os esforços para ofertar aulas por meio de rádio, televisão e internet, bem como o empenho de docentes, mães e pais, ainda existe uma quantidade muito grande de crianças e adolescentes em idade escolar não alcançada. E destaca que a situação piora quando pensamos em crianças e jovens com deficiência, que vivem em comunidades minoritárias ou desfavorecidas, refugiados e refugiadas, ademais de moradoras e moradores de áreas remotas.

Martins (2020, p. 244) ressalta a falta de acesso à internet, e seus inúmeros recursos, o que segundo ele ampliou a exclusão digital, que tem apresentado “seus efeitos mais perversos no momento atual, em que uma pandemia nos atingiu e trouxe à tona todas as precariedades e impotências geradas ao longo de décadas de descaso” em setores essenciais, tais como ciência, saúde e educação. No Brasil, conforme Alves et al. (2020), o que se investe, em média, por aluno, corresponde a cerca de um terço da média dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2019); e menos da metade do valor investido pela educação privada, onde estudam as classes média e alta brasileiras. Conforme dados do Programa de Educação Tutorial em Políticas Públicas (UTFPR, 201-), o país demonstra o abismo existente para levar a cabo a educação remota: enquanto 98% das famílias de classe “A” possuem computador, esse percentual é bem menor em relação às classes “D” e “E, que chegam ao ínfimo de 9% das famílias.

---

Para Martins (2020, 154), tem havido uma elevação de tom no que se refere às atividades letivas digitais na educação pública, porque, como ressalta, existe uma quantidade significativa de estudantes, em especial da Educação Básica, desprovida de artefatos digitais e recursos financeiros para estudar por meio da rede. De acordo com ele, há muitos “discursos simplistas”, quando é necessário “revermos o que não deu certo e investirmos em inclusão digital e em educação, ao mesmo tempo”. Alves et al. (2020, p. 980) afirmam que, no atual contexto, há que se destacar o fato de os impactos negativos atingirem mais ainda aqueles e aquelas estudantes da rede pública de educação que “dependem das escolas para exercerem seu direito à educação”. Sublinham que, ao contrário da rede privada,

a grande maioria dos alunos da rede pública não dispõe de condições adequadas (computadores, acesso à internet, espaço físico, mobiliário etc.) para a realização de atividades educacionais em casa. Pesa, ainda, sobre um número expressivo de crianças muito pobres o impacto do ponto de vista nutricional, pois, juntamente com as aulas, elas também perderam o acesso à alimentação escolar (ALVES, ET AL., 2020, p. 980).

Para além da falta de acesso à educação remota, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) salienta outras questões, igualmente preocupantes. Como exemplos, são citados, entre outros, o despreparo das pessoas responsáveis pelas crianças e adolescentes para acompanhar o ensino nas residências, sobretudo em lares onde educação e recursos são limitados; a maior exposição de crianças e adolescentes à violência e exploração. Sobre essa segunda questão, é ressaltado o fato de que quando as escolas fecham, os casamentos prematuros aumentam, mais crianças são recrutadas para as milícias, a exploração sexual de meninas e mulheres aumenta, a gravidez na adolescência e o trabalho infantil se tornam mais comuns e aumentam as lacunas nos cuidados infantis; pois, na ausência de opções alternativas, pais e mães que trabalham frequentemente deixam as crianças sozinhas quando as escolas fecham, e isso pode levar a comportamentos de risco, incluindo o crescimento da influência da pressão dos colegas e do abuso de substâncias.

Diante de todos esses problemas, o fato é que algumas iniciativas estão se efetivando, a fim de mitigar os prejuízos na vida de milhões de crianças, jovens e adolescentes em idade escolar, ampliados em consequência da pandemia da Covid-19. E muitos são os desafios para quem busca trilhar por esse caminho, cuja tônica principal é a experimentação.



---

## Processos de ensino e os desafios impostos pela Covid-19

Nesse ambiente planetário de incertezas, o que temos como inexorável é que outros aprendizados se impõem e que março de 2020 trouxe consigo, além dos números referentes à crise no setor de saúde já discutidos, que seguem em franco crescimento, um marco histórico para a humanidade. O gigantesco salto tecnológico é inquestionável e carrega com ele todos os avanços e mazelas inerentes. A desestabilização de diversos setores de nossas vidas também está inclusa nessa fronteira.

As práticas do campo educacional, objeto desta reflexão, têm passado por constantes reviravoltas. Certamente, o vírus que afeta o sistema respiratório dos seres humanos, impondo acelerado avanço celular e consequentes altos índices de letalidade, expõe feridas sociais extensas e purulentas. Quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) anunciou a pandemia provocada pelo coronavírus, também trouxe à tona as crises política, econômica e ambiental. Santos (2020), ao debater a normalidade da exceção, reflete sobre o fato de que a crise atual não se contrapõe ao que poderíamos chamar de situação de normalidade. O autor destaca que, etimologicamente, o termo crise está associado àquilo que é passageiro/efêmero, que conduz à superação para uma situação melhor, devendo ser explicada pelos fatores que a provocam. “Mas quando se torna permanente, a crise se torna na causa que explica todo o resto. Por exemplo, a crise financeira permanente é utilizada para explicar os cortes nas políticas sociais (saúde, educação, previdência social) ou a degradação dos salários” (SANTOS, posição 16<sup>7</sup>, 2020). Essa estratégia, que carrega forte viés político, é ressaltada pelo autor como levando ao ofuscamento das causas reais, tendo como objetivo não resolver, de fato, determinada crise.

É nesse sentido que nos debruçamos sobre o panorama educacional pelo qual passamos. Em uma ilustração rápida e simples, trazemos os dados revelados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua Educação), em 2019, que apontam para mais de 11 milhões de analfabetos no Brasil e mais da metade das pessoas com 25 anos ou mais não tendo completado o Ensino Médio, por abandono ou mesmo por nunca terem frequentado a escola nessa fase. Devemos levar em consideração ainda que, deste total, 71,7% são pretos e pardos. De um modo geral, o sistema educacional vem cambaleando não é de hoje, seja por estratégias teórico-metodológicas

---

<sup>7</sup> Lido no Kindle, por isso o uso da posição em vez de página.



do ensino privado que muitas vezes carece de revisão e atualização, seja pela precariedade enfrentada nas instituições públicas nos seus diversos níveis. Sem contar com a desvalorização da carreira do magistério e as constantes perdas de conquistas. Após a paralisação diante do choque para o segmento educacional público e da instantânea busca por adaptações no setor privado, março de 2020 impulsionou uma reviravolta das práticas e processos pedagógicos.

Mesmo quando alguns países planejam e testam uma retomada presencial e que governos e empresários do setor articulam retornos no Brasil, tudo é novidade, experimento e requer a implementação de novos hábitos e culturas. Lembramos que em algumas iniciativas, as escolas que chegaram a ser abertas foram fechadas devido à explosão de novos casos, como é o exemplo da França<sup>8</sup>. Quando o isolamento social físico foi imposto, vieram para o centro do debate experiências que combatiam a adesão à Educação a Distância (EaD), ao tempo que se buscava uma identidade própria a partir da empiria. Ainda hoje, denominações como Ensino Remoto (ER), Ensino Remoto Emergencial (ERE), Educação On-line (EOL) e outras vêm sendo experimentadas, analisadas e adaptadas à realidade nacional nos seus diversos espaços.

Em quaisquer das opções, é unânime o reconhecimento da natureza excludente implícita, uma vez que todas carecem de conectividade, o chamado “novo oxigênio”, que nos levaria a respirar nesses tempos. Entendendo conectividade como o acesso à banda larga de qualidade e a dispositivos tecnológicos que permitam a navegação (desktops, notebooks, tablets, smartphones), ressaltamos as limitações inerentes ao estudo por meio de um telefone móvel. Nesse sentido, esse “novo oxigênio” só impede de sucumbir uma parcela da população, que se torna mais uma vez privilegiada em uma sociedade que insiste em não reconhecer a equidade. A PNAD Contínua TIC 2018 revela que um a cada quatro brasileiros têm acesso a internet, registrando um pequeno aumento no número de pessoas conectadas no país. No entanto, a pesquisa mostra que o índice de acessos é maior nas zonas urbanas, e sabemos da qualidade geral de oferta de serviços no país, principalmente na medida em que se distancia dos grandes centros. Não saber acessar a internet e considerar os serviços dos provedores caros, bem como o valor dos dispositivos, está entre as justificativas de quem está fora da rede.

---

<sup>8</sup> Ver FRANÇA... (2020).

---

A despeito do processo excludente, e caminhando paralelo a ele, vem a imposição para professores e professoras suplantarem suas fragilidades, tanto econômicas quanto de letramento digital, e transportar seus componentes curriculares para plataformas digitais. Esse desafio nos remete a pressupostos discutidos por Freire (1996), quando ressalta a necessidade de formação contínua do educador, em um processo que se constitui e ao mesmo tempo só existe a partir da relação dialógica entre docente e discente.

A consciência do inacabamento entre nós, mulheres e homens, nos fez seres responsáveis, daí a eticidade de nossa presença no mundo. Eiticidade, que não há dúvida, podemos trair. O mundo da cultura que se alonga em mundo da história é um mundo de liberdade, de opção, de decisão, mundo de possibilidade em que a decência pode ser negada, a liberdade ofendida e recusada. Por isso mesmo a capacitação de mulheres e de homens em torno de saberes instrumentais jamais pode prescindir a sua formação ética. A radicalidade desta existência é tal que não deveríamos necessitar sequer de insistir na formação ética do ser ao falar de sua preparação técnica e científica (FREIRE, 1996, p. 62).

Ao entender o alerta para que não caiamos no tecnicismo, associando essa perspectiva ao compromisso ético com a formação crítica, seguimos revendo a nossa prática pedagógica frente ao panorama mundial desse período histórico que vivemos, imersos nas suas transformações constantes. Desse modo, compreendemos que essa práxis é “implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (FREIRE, 1996, p.43). Assim, Freire (1996) relaciona o saber ingênuo à prática docente espontânea ou quase espontânea, em oposição a uma construção pautada pela curiosidade como matriz do pensar certo, que se constrói conjuntamente entre aprendiz e professor formador.

### **A experiência do Prisma durante o período inicial pandemia**

Com base nessa motivação, após o primeiro momento pandêmico, que oscilou entre a paralisia, o medo e a busca por informações para compreender o desconhecido que se impunha, retomamos as atividades do Prisma. O referido projeto está em atuação há dois anos, pautado em abordagens teóricas com vistas a uma reflexão crítica da formação acadêmica e profissional, inserindo-se na realidade do entorno a partir da inserção na realidade da escola pública piloto, o Colégio Estadual Moisés Bohana. Essa colaboração começou com oficinas de construções criativas no audiovisual e na música, voltadas, a princípio, para cerca de 120 estudantes do Ensino Médio. As atividades foram mediadas e ministradas por bolsistas e voluntários, sob a orientação das professoras coordenadoras do projeto, juntamente com as professoras da escola e um professor

---

universitário convidado. Também houve momentos de discussão teórica, como no Encontro de Comunicação e Educação na Contemporaneidade (COMEC). O protagonismo e a proatividade dos graduandos e graduandas, bem como dos secundaristas, foi respeitado e estimulado durante todo o processo de articulação, elaboração e execução das ações empreendidas, com base na condição fundante da perspectiva transformadora e emancipatória dos sujeitos sociais (FREIRE, 1996). Tem sido perceptível a transformação contínua de concepções e posturas dos estudantes, construindo novas experiências e aprendizagens e compartilhando com outros aprendentes, levando a uma autoafirmação de seus saberes e valorização de seu espaço de construção de conhecimentos.

Especificamente no momento de retorno, interessava-nos saber não só como deveria ocorrer a retomada dos encaminhamentos pedagógicos, mas como os bolsistas estavam enfrentando o isolamento e se tinham acesso à internet de modo satisfatório. Um deles pediu para estar afastado, pelo menos temporariamente, por estar com a saúde emocional abalada, voltando a se aproximar em setembro. Em respeito às normas de isolamento físico, os contatos iniciais com as docentes da escola foram feitos por meio do *WhatsApp*, gerando em seguida um grupo nesse aplicativo que reúne as professoras e os estudantes.

Após conversas usando o aplicativo e posteriores reuniões com as professoras, que apontavam a preocupação com os alunos sem aula e a dificuldade de conectividade enfrentada por eles, outros encontros foram realizados agregando também os estudantes por meio de videoconferência no *Google Meet*, uma vez que a UESC tem contrato com a Google para o uso do pacote *G Suite for Education*, sendo essa a plataforma oficial da instituição. Decidimos, também, realizar uma pesquisa pelo *Google Forms* para que traçar um perfil do grupo (estudantes e professores), possibilitando a criação de um planejamento e adoção de uma metodologia que desse conta das necessidades de todos, respeitando as limitações de acesso à internet e os interesses por temas e linguagens. Uma vez que o Prisma se baseia na dialogicidade (FREIRE, 1996), o resultado da pesquisa e as propostas de atuação on-line foram apresentadas aos integrantes da escola que compõem o grupo, desde estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II até do 3º ano do Ensino Médio, além de algumas de suas professoras.

Para compreendermos a amostra, destacamos alguns dados referentes aos 30 alunos respondentes: 10% moram na zona rural, 46% trabalham ou ajudam alguém,

---

nenhum tem um espaço próprio para estudo (usando quarto, cozinha, sala ou varanda para este fim), 45% não têm estudado em casa, 96% têm *smartphone*, 56% afirmam passar mais de quatro horas por dia conectados, 80% têm acesso à internet (desde fixa em casa, dados móveis até a senha dada pelo vizinho) e apenas 30% têm acesso estável à rede. Várias propostas de atuação foram pensadas, levando em consideração um cronograma de execução imediata e a médio prazo. Uma das iniciativas foi a criação de pequenos vídeos, gravados por estudantes e professoras da escola e postados no perfil do Instagram do @oprojetoprisma, com dicas de canais de estudo e leitura para auxiliar estudantes do 3º ano a se prepararem para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM 2020). Lembramos que a suspensão das aulas da rede pública ampliou o abismo social, colocando esses jovens em mais uma situação de desvantagem com relação aos de escolas particulares.

Foi solicitado, ainda, apoio sobre linguagem e técnica da fotografia, pois uma das professoras já realiza atividades fotográficas com os alunos, mas sem formação específica. Contamos com o auxílio da professora de fotografia do Curso de Comunicação para a oferta de duas turmas dessa oficina, carga horária de 20h cada, via *Google Classroom* e *Meet*. As aulas vão até dezembro e é notório o engajamento daqueles que se inscreveram, realizando as atividades, demonstrando satisfação e empenho. Nesse processo inicial também está incluída a criação e realização do PrismaCast, *podcast* conduzido pelos bolsistas, criado também durante a pandemia, buscando atender de modo mais ágil a discussões de temas da pauta contemporânea. O primeiro episódio trata do ENEM 2020 e os próximos têm como desafio a integração dos secundaristas à produção.

No estudo, apareceram outros pontos, como criação de apresentações em *slides* e retomada das oficinas de audiovisual. É importante deixar evidente que ao tempo em que atuamos para reintegrar o projeto à realidade da escola, passamos por inquietações em nossa instituição. No mesmo período, a UESC estava voltada para investigações de experiências de um novo modelo de ensino-aprendizagem, discussão de minutas que normatizassem o trabalho remoto e capacitação do corpo docente, técnico-administrativo e discente, o que ocorreu em setembro, com início de um trimestre letivo excepcional. Em junho, foram encerrados os contratos dos três bolsistas que davam apoio ao Prisma, por não ter sido lançado edital para bolsas de extensão no período regular em decorrência do decreto de contingenciamento devido à pandemia. Ainda assim, os alunos continuaram como colaboradores, de modo voluntário, aguardando o referido edital, e dois novos

---

alunos se aproximaram, por entender a importância da proposta do projeto para a formação profissional em Comunicação Social. A situação foi regularizada em outubro.

Trazemos esses elementos para a reflexão, para que não percamos de vista os entrecruzamentos que permeiam a prática docente, o processo de formação profissional e os braços que compõem o exercício do magistério superior. A prática extensionista está diretamente ligada às ações de ensino, pesquisa e às demandas e implicações institucionais.

### **Considerações finais**

Uma reflexão que permanece forte nesse contexto se estrutura no pensamento crítico de Santos (2020) quando recorre à noção de crise permanente como uma forma de dissimular a sua causa em detrimento de uma espécie de alienação constante e uma aceitação inequívoca de um estado de coisas baseado em perdas sociais. É indiscutível a gravidade e a necessidade de direcionamento de recursos para a crise sanitária, no entanto nosso sistema de saúde já não era dos melhores na pré-pandemia, sejam pelos altos custos dos planos de saúde privados, seja pela precariedade enfrentada pelo Sistema Único de Saúde (SUS), lembrando que, mesmo com todas as fragilidades, o SUS tem sido destaque no amparo aos doentes por Covid-19 no Brasil.

Entretanto, o país já enfrentava uma crise econômica que se estende há alguns anos. Nesse mesmo cenário, se insere a crise política, a ambiental e as quatro se correlacionam levando o país a estar entre aqueles com maior número de vítimas do coronavírus. Nesse sentido, enfrentamos permanentemente essa instabilidade, agravada, sem dúvidas, pela pandemia. É inquestionável que essas restrições reverberem no sistema nacional de educação. Ao mesmo tempo, esse panorama nos alerta para a necessidade que devemos ter de revisitar constantemente a nossa práxis pedagógica, independentemente da modalidade de ensino adotada. Os fluxos de comunicação, informação e transformação do planeta têm como força motriz a impermanência, não permitindo que a nossa metodologia e métodos permaneçam inalterados, tampouco nossos pressupostos teóricos.

O salto tecnológico trazido pela pandemia gerada pelo novo coronavírus é irreversível. Queiramos ou não, a ocupação do ciberespaço para ações em torno do processo educativo não é mais uma escolha, e sim uma imposição. A grande questão agora é não simplesmente transpor práticas pautadas em papel, piloto/giz, lousa e uma perspectiva comunicacional um-todos para os Ambientes Virtuais de Aprendizagem. É

fundamental tomarmos como base o que Pretto e Pinto (2006) já haviam chamado de novas educações. Entendemos que nenhuma dessas investidas por outras aprendizagens tem efetividade se não se fundamenta na luta por inclusão. Por todos os aprendizados e desafios que têm sido experienciados, concordamos com a quase súplica do pensador e ativista indígena Ailton Krenak: “Tomara que não voltemos à normalidade, pois, se voltarmos, é porque não valeu nada a morte de pessoas no mundo inteiro” (KRENAK, posição 97<sup>9</sup>, 2020). Somos pela sementeira de novas educações para todos os seres humanos.

### Referências

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS E SANEAMENTO BÁSICO — ANA. Atlas Esgotos revela mais de 110 mil km de rios com comprometimento da qualidade da água por carga orgânica. ANA, Brasília, 25 set. 2017. Disponível em: <https://www.ana.gov.br/noticias-antigas/atlas-esgotos-revela-mais-de-110-mil-km-de-rios.2019-03-15.5295492177>. Acesso em: 11 set. 2020.

ALVES, Thiago; FARENZENA, Nalú; SILVEIRA, Adriana A. Dragone; PINTO, José Marcelino de Rezende. Implicações da pandemia da Covid-19 para o financiamento da educação básica. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 4, p. 979-993, jul./ago. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rap/v54n4/1982-3134-rap-54-04-979.pdf>. Acesso em: 10 set. 2020.

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de uma nova variável histórica. **Revista Comunicação e Educação**, São Paulo, ano XIV, n. 3, p. 19-28, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/43579/47201>. Acesso em: 22 fev. de 2015.

CITELLI, Adilson. Comunicação e educação: os movimentos do pêndulo. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v.25, n. 3), p. 1-15, 2018. Disponível em: <https://n9.cl/h4mlk>. Acesso em: 20 jul. 2020.

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ — UTFPR. PET - Políticas Públicas. In: UTFPR. Educação tutorial. **Tipos de câncer**. Curitiba: UTFPR, 201-. Disponível em: <http://paginapessoal.utfpr.edu.br/agoliveira/educacao-tutorial/pet-politicas-publicas>. Acesso em: 10 de set. 2020.

FRANÇA fecha mais de 80 escolas em 15 dias por casos de covid-19. **Uol**, São Paulo, 16 set. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2020/09/16/franca-fecha-mais-de-80-escolas-em-15-dias-por-casos-de-covid-19.htm> Acesso em: 10 out. 2020.

FRANKL, Viktor E. **A presença ignorada de Deus**. São Leopoldo: Editora Sinodal; Petrópolis: Editora Vozes, 1992.

---

<sup>9</sup> Lido no Kindle, por isso o uso da posição em vez de página.

---

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Coleção Leitura.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005. Coleção Leitura.

GARCÍA-OBERTO, Carlina Leonor. Andragogía en los estudios de postgrado. Una perspectiva teórica dialógica fenomenológica. **Episteme Koinonia**, v. 3, n. 5, p. 4-26, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.35381/e.k.v3i5.526>. Acesso em: 16 ago. 2020.

GOES, Emanuelle F.; RAMOS, Dandara O; FERREIRA, Andrea J. F. Desigualdades raciais em saúde e a pandemia da Covid-19. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, 2020, e00278110. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00278. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/635/816>. Acesso em: 4 set. 2020.

GUTERRES, António. **Construir hoy el futuro de la educación**. Disponível em: <https://www.un.org/pt/node/89048>. Acesso em: 4 set. 2020.

GUTERRES, António. COVID-19 in an Urban World. **United Nations**, [New York], 2020. Disponível em: <https://www.un.org/en/coronavirus/covid-19-urban-world>. Acesso em 10 set. 2020.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. Kindle version.

MARTINS, Ronei Ximenes. Covid-19 e o fim da educação a distância: um ensaio. **Em rede - Revista de educação a distância**, v. 7, n. 1, p. 242-256, 2020. Disponível em: <http://repositorio.ufla.br/handle/1/43156>. Acesso em: 10 set. 2020.

OLIVEIRA, Kaynã de. Saneamento básico precário facilita proliferação da covid-19 no Brasil. **Jornal da USP**, São Paulo, 18 jun. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/saneamento-basico-precario-facilita-proliferao-de-covid-19-no-brasil/> Acesso em: 11 out. 2020.

ONU MULHERES BRASIL. **Mulheres Negras agem para enfrentar o racismo na pandemia Covid-19 e garantir direitos da população negra no “novo normal”**. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/mulheres-negras-agem-para-enfrentar-o-racismo-na-pandemia-covid-19-e-garantir-direitos-da-populacao-negra-no-novo-normal/>. Acesso em: 4 set. 2020.

PRETTO, Nelson; PINTO, Cláudio da Costa. Tecnologia e novas educações. **Revista Brasileira de Educação**, Salvador, v. 11, n. 31, p. 19-30, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n31/a03v11n31.pdf> Acesso em: 19 set. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. São Paulo: Boitempo, 2020. Kindle Version.

UNITED NATIONS. **COVID-19 in an Urban World** Jul. 2020. Disponível em: <https://www.un.org/en/coronavirus/covid-19-urban-world>. Acesso em 11 set. 2020.